

EM POR

O S S E G R E D O S D E N O S S A



LECEIA

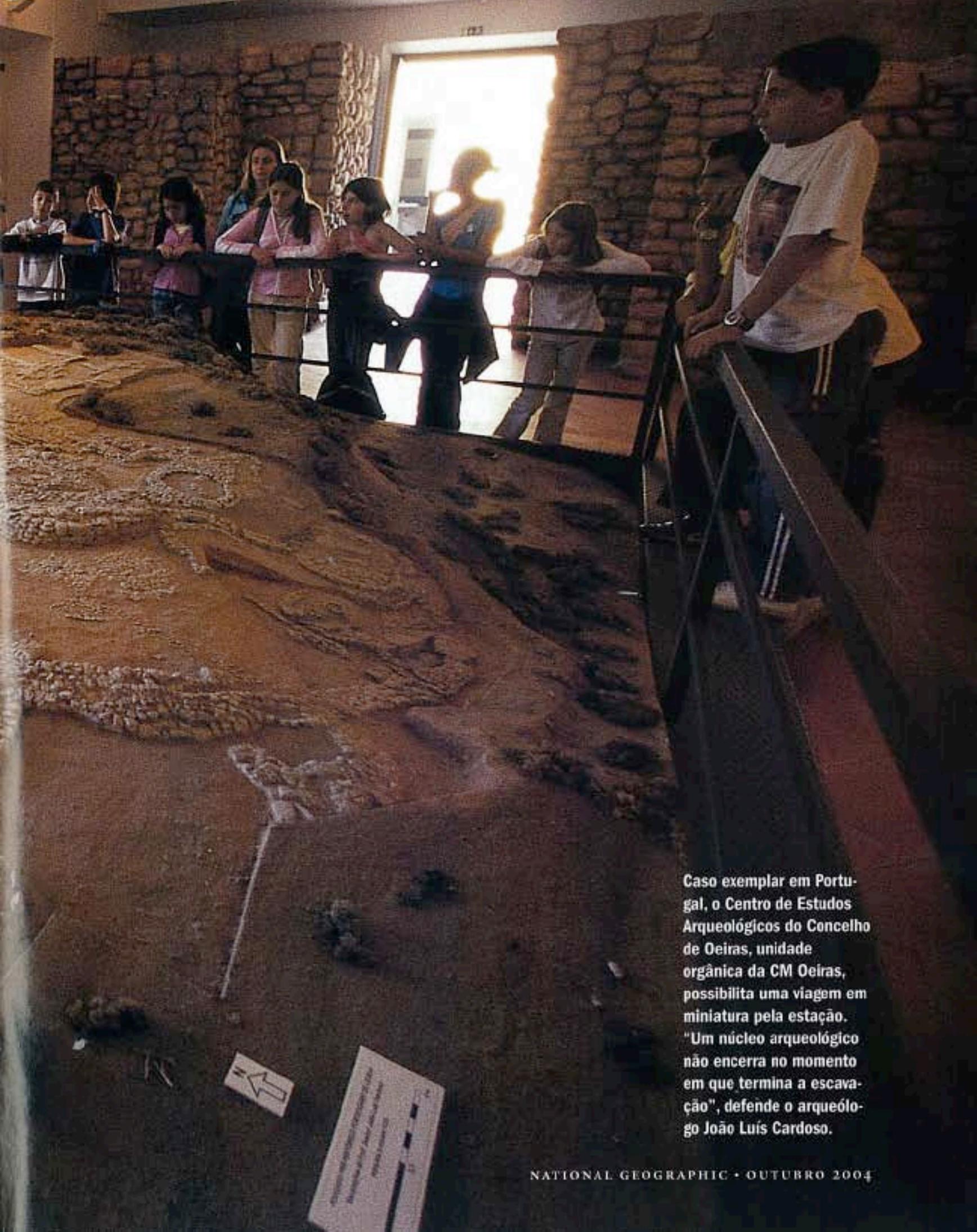
Sentinela do Tejo

A escassos quilómetros de Lisboa, um povoado pré-histórico foi regularmente habitado durante um milénio. Escavado durante 20 anos, o sítio arqueológico de Leceia revela minuciosamente o quotidiano do Calcolítico português. Os artefactos recuperados falam-nos de um passado com música, caçadas e trocas comerciais com povos distantes.

Texto de Gonçalo Pereira Fotografias de Nuno Correia

TU G U Ê S

C U L T U R A G E O G R Á F I C A



Caso exemplar em Portugal, o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, unidade orgânica da CM Oeiras, possibilita uma viagem em miniatura pela estação. "Um núcleo arqueológico não encerra no momento em que termina a escavação", defende o arqueólogo João Luís Cardoso.



De carro, Leceia atravessa-se em menos de um minuto. Uma sucessão de moradias e alguns prédios de dois andares, uma praça central e uma estrada concorrida, que liga Barcarena a Oeiras. No café Trieme, centro nevrálgico da localidade, dois painéis de azulejo descrevem eloquentemente o orgulho da terra. As "ruínas", o "povoado", o "castro", as "pedras" ou até o "castelo" têm vários nomes por ali, mas designam o mesmo sítio: a estação arqueológica de Leceia, exemplo ímpar de um projecto arqueológico de 20 anos de luta contra o tempo e o urbanismo.

Na verdade, esta história remonta há 30 anos e a uma era em que, em Leceia, garantem-nos, ainda se arava com boi. Os terrenos agrícolas onde hoje se ergue o sítio arqueológico pertenciam a vários particulares. Poucos sabiam então que aravam um solo classificado como imóvel de interesse público, fruto do trabalho pioneiro mas incompleto do general Carlos Ribeiro. O pai da geologia portuguesa [ver edição de Fevereiro de 2002] identificara os vestígios de um povoado pré-histórico em 1878 e foi com a sua documentação que o processo de protecção teve lugar. O final da década de 1970, porém, foi marcado pelo acelerado processo de urbanismo do concelho de Oeiras. Leceia, com a sua magnífica vista sobre o vale da ribeira de Barcarena, não fugiu à regra.

João Luís Cardoso ainda se lembra do dia em que soube que o terreno estava projectado para receber um complexo urbanístico. Filho do concelho, apaixonou-se pela história de Leceia desde o dia em que, ainda miúdo, recebeu uma cópia do livro de Carlos Ribeiro. "De bicicleta na mão e com o livro na outra, vim até aqui e fiquei fascinado", conta. "Para cada ponto do solo que olhava, via um fragmento arqueológico. Leceia estava literalmente a meus pés." Muito mais tarde, em 1983, sabendo que a urbanização avançaria se não conseguisse demonstrar a relevância histórica do local, João Luís Cardoso iniciou os trabalhos. Provavelmente, o coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) e professor da Universidade Aberta não imaginava que este seria o projecto de uma vida. E que Leceia seria o local pelo qual se comparam hoje boa parte dos achados do Calcolítico português.

Como um detector de metais, sempre em busca de um sinal revelador, João Luís Cardoso não consegue evitar que o seu olhar se concentre no solo já escavado de Leceia. Tem razões para isso. Entre as centenas de milhares de artefactos recuperados na estação, alguns são verdadeiramente especiais porque possuem o dom de nos remeter para o quotidiano do terceiro milénio antes de Cristo. Um raro alfinete de marfim, recuperado numa das últimas campa-

Centenas de milhares de fragmentos foram tratados e consolidados no laboratório do Centro. Foi aqui que alguns dos artefactos mais importantes de Leceia foram reconhecidos. À direita, um aspecto do sítio arqueológico que, com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras, passou a dispor de estruturas mais acessíveis para os visitantes. Em baixo, a planta revela as três linhas defensivas construídas no povoado em estreita ligação com a topografia do local.



nhas, dá conta da existência de trocas comerciais com indivíduos de fora da Península, particularmente do Norte de África. Um osso de ave, recuperado nos anos 1960 pelo escritor Álvaro de Brée, atribui som às recordações de Leceia: afinal, esta flauta improvisada é o único instrumento musical descoberto num povoado calcolítico em solo português. E as estátuas de duas porcas de terracota, verdadeiras estrelas da colecção, evocam crenças antigas e pedidos de auxílio divino em épocas de colheita.

Os achados sucederam-se nos últimos 20 anos. “Mas não pense apenas nos artefactos”, interrompe João Luís Cardoso. “São importantes, dizem-nos muito sobre o quotidiano das várias comunidades que habitaram este espaço, mas as estruturas que identificámos permitem apreciar um quadro mais vasto”, diz, enquanto aponta para uma maquete gigantesca, exposta na sala de arqueologia alusiva ao povoado pré-histórico, localizada na antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena.

A maquete ilustra os três sistemas de muralhas identificadas no povoado. Não são contemporâneas, foram acrescentadas à medida das necessidades de crescimento da comunidade. Curiosamente, as primeiras estruturas muralhadas são as mais perfeitas, as mais acabadas. Defenderiam o quê? “Pessoas e bens, naturalmente. E os excedentes de produção”, responde João Luís Cardoso. No seu apogeu, o povoado de Leceia teria abrigado três centenas de pessoas. A agricultura era uma das actividades principais e proporcionava excedentes de cereais, como o comprovam as três eiras identificadas dentro da área muralhada. “É natural que grupos rivais pudessem cobiçar a riqueza de Leceia.”



Fases de construção

- Calcolítico Pleno
- Calcolítico Inicial (II)
- Calcolítico Inicial (III)
- Calcolítico Inicial (III)
- Neolítico Final

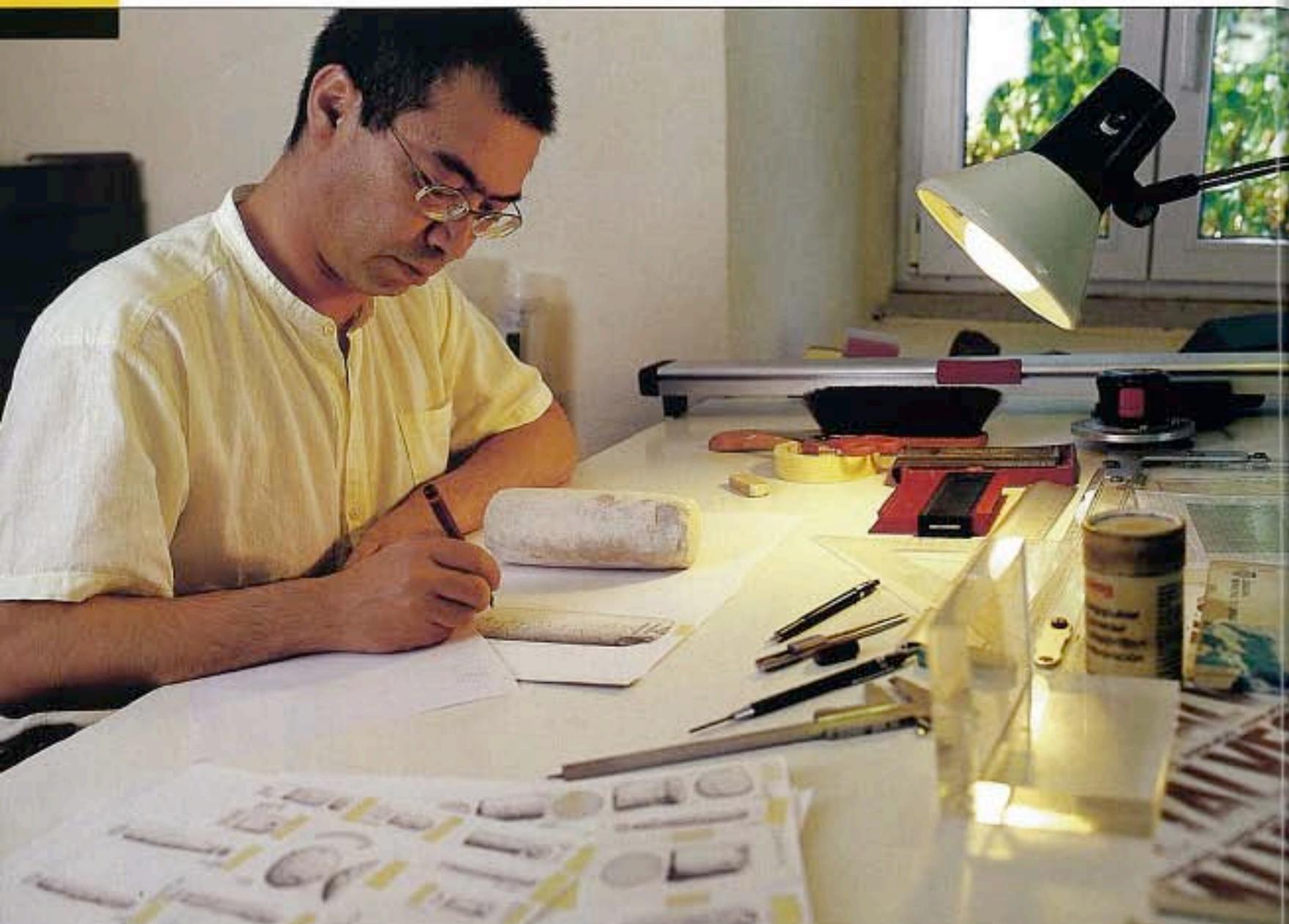
0 km 10



A Área Escavada

Cerca de 11 mil metros quadrados foram escavados desde 1983, revelando cinco épocas de ocupação do povoado. De um núcleo central, o povoado expandiu-se claramente no Calcolítico Inicial, iniciando o processo de fortificação, em três fases distintas. Mais tarde, no Calcolítico Pleno, Leceia entrou em regressão e os limites do povoado recuaram.

MAPA: NÚMP; FONTE: CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS.



A História Contada por Fragmentos

Embora refira repetidamente que a história de Leceia é mais perceptível numa perspectiva macro do que através das peças mais emblemáticas, João Luís Cardoso admite que alguns artefactos recolhidos



nas duas últimas décadas são raros no contexto do Calcolítico português e permitem aos arqueólogos estabelecer relações entre o povoado de Leceia e o seu quotidiano. O triângulo genital feminino, gravado num dos ídolos cilíndricos (à esquerda), era regularmente associado à fecundidade. Mas os símbolos mágico-religiosos podem perder o seu simbolismo, como sucedeu a outro ídolo cilíndrico, reutilizado mais tarde como pilão agrícola



L. CARDOSO

(em cima, desenhado por Bernardo Ferreira). Os dois ossos de ave (em cima), trabalhados com arte e dotados de enorme capacidade de perfuração, terão sido usados como instrumentos cirúrgicos? Ninguém pode verdadeiramente confirmar esta noção, mas a sua raridade e o contexto em que foram descobertos (num ambiente cultural onde se trabalhava muito e bem os objetos de osso) permitem pressupor essa possibilidade.

Em baixo, duas porcas de terracota, correspondentes ao Neolítico final, evocam um passado onde a acção dos deuses regulando a fertilidade das colheitas e do gado era essencial para a prosperidade da comunidade.



Pela mão de Bernardo Ferreira (à esquerda) passaram já milhares de fragmentos, desenhados rigorosamente para efeitos de catalogação e publicação. Aliado ao trabalho de campo, o Centro de Estudos Arqueológicos tem desenvolvido intensa actividade de publicação de resultados. "Leceia é hoje um caso único no Calcolítico português. Este povoado, ocupado regularmente durante um milénio, continua a transmitir-nos informação sobre este período vital da pré-história", conclui João Luís Cardoso.

Observando Leceia de qualquer ângulo, compreendo o alcance desta afirmação. O povoado deveria ter um aspecto intimidante, com as suas estruturas muralhadas, o seu torreão, as defesas naturais de calcário. Seria um osso duro de roer para qualquer adversário, mas certamente despertaria cobiça.

"Quer falar de lixo pré-histórico?" Enquanto o observo intrigado, João Luís Cardoso aprecia o momento. Habitado a conduzir visitantes curiosos em percursos bem imaginados pela estação, o investigador também sabe vestir a pele do pedagogo e do guia. A lixeira, como a equipa de escavação lhes chamou, é um espaço utilizado pelos habitantes pré-históricos de Leceia para guardar resíduos – o primeiro do género identificado no Calcolítico. Serviria para armazenar detritos que, uma vez decompostos, talvez fossem reutilizados na agricultura.

Verdadeiro poço de surpresas, a natureza do povoado é difícil de imaginar quando se olha à distância e se detectam os prédios que, como cogumelos, pululam na paisagem. Em tempos, grande parte desta área foi um intenso manto florestal. "Os vestígios de ursos, veados e lince mostram-nos com eloquência. E javalis, muitos javalis." Sorriu à evocação involuntária de caçadores de javalis, arte immortalizada pelos heróis de banda desenhada de Uderzo e Goscinny. "Mas nem só de fauna selvagem viviam estas pessoas", continua João Luís Cardoso. "Há evidências de bovinos, ovinos, suínos. Seriam domesticados e, em tempo de conflito, deveriam ser recolhidos para o interior das muralhas." Os caminhos lajeados que unem muitas das estruturas de Leceia poderiam ter essa função: facilitar o movimento de pessoas e animais, em tempo de guerra e de paz.

De volta ao gabinete de João Luís Cardoso, no piso superior de um espaço aproveitado como laboratório do CEACO, preparo-me para uma lição de história. "Até aos anos 1970 acreditava-se que havia uma relação entre comunidades metalúrgicas que trabalhavam o cobre e as fortificações calcolíticas da Estremadura, como Leceia", começa João Luís Cardoso, agora na pele do académico. "Essa tese originou a conclusão de que estes povoados resultavam de colonizadores oriundos do Mediterrâneo e que teriam aqui aportado no terceiro milénio antes de Cristo para explorar o cobre. A única prova desta teoria era o facto de existirem fortalezas parecidas com esta em vários pontos do Mediterrâneo Oriental."

A descoberta de provas de que o povoado de Leceia teria sido construído muito antes do conhecimento do cobre ou, pelo menos, da sua utilização regular foi importante para a arqueologia da pré-história. "Leceia tornou-se um caso de estudo, porque foi o primeiro sítio pré-histórico português que fez ruir com bases científicas essa teoria. O povoado fortificado existia antes de se conhecer e trabalhar o cobre, o que invalidava a teoria dos colonizadores orientais."

Na escavação, foi possível também identificar as estratégias de ocupação do espaço ao longo dos tempos. "Em Leceia, durante quase um milénio de ocupação, detectámos claramente um período de criação do povoado, um período de apogeu e um período de declínio. Na fase derradeira, os habitantes utilizariam apenas uma fracção dos 11 mil metros quadrados que o local chegou a ter.

Até aqui, não se conhecia muito sobre a utilização do espaço no Calcolítico, mas Leceia permitiu identificar crescimentos e regressões de um povoado. Identificámos estruturas defensivas, habitacionais e comunitárias. Esse é o quadro mais vasto de que lhe falava", diz.

As publicações do grupo de investigação dão conta do trabalho exaustivo e revelam eloquentemente a transformação de uma sociedade de pastores e agricultores de subsistência numa comunidade de indivíduos já especializados e talvez de uma ordem social estratificada, antecedente da Idade do Bronze. "Há muito ainda por escrever sobre Leceia", conclui João Luís Cardoso. "Mas ainda há tantas lacunas por preencher. Depois de 20 anos de escavação, Leceia deverá gerar praticamente outros tantos de publicação de conclusões." □

